

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**LUANA SHAIANE LOPES VARELA**

**DIÁLOGOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NOS ESPAÇOS ESCOLARES  
DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CAXIAS DO SUL**

**2020**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**LUANA SHAIANE LOPES VARELA**

**DIÁLOGOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NOS ESPAÇOS ESCOLARES  
DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade de Caxias do Sul, como requisito à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Prof. Me. Flávia Fernanda Costa

**CAXIAS DO SUL**

**2020**

**LUANA SHAIANE LOPES VARELA**

**DIÁLOGOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NOS ESPAÇOS ESCOLARES  
DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade de Caxias do Sul, como requisito à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Prof. Me. Flávia Fernanda Costa

**Aprovada em 15/07/2020**

**Banca Examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Flávia Fernanda Costa  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia Morés  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Mara dos Santos Neves  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

*“O diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos.*

*O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sua realidade tal como a fazem e refazem.”*

**Freire e Ira Shor**

## RESUMO

A presente monografia tem como objetivo apresentar o resultado do projeto de pesquisa realizado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que teve como objetivo investigar questões pertinentes ao gênero e a sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental a partir do posicionamento dos docentes da cidade de Caxias do Sul, visto as alterações que a nova Base Nacional Comum Curricular trouxe em sua normativa, no qual deixa o assunto explícito apenas no conteúdo de ciências da natureza, no 8º ano. É importante que as questões que envolvam sexualidade e gênero ocorram nos espaços escolares, tendo em vista o retrocesso que o mesmo vêm sofrendo por setores conservadores da sociedade nos últimos anos, os quais acreditam que se a sexualidade for exposta para as crianças ou adolescentes, as mesmas podem ou irão desenvolver desejos e despertar curiosidades que as levarão a praticar atos sexuais. Ademais, torna-se necessário que o assunto seja abordado nos espaços escolares para que as crianças e adolescentes tenham contato com informações condizentes com as faixas etárias as quais estão inseridas, compreendendo também o direito de seus corpos, reconhecendo os limites do mesmo em relação ao outro e o outro em relação a si. O projeto de pesquisa de natureza exploratória, desenvolveu-se a partir da metodologia de estudo de caso, para a construção dos dados empíricos utilizou-se um questionário que contou com a participação de 27 professores dos anos iniciais das redes de ensino pública e privada da cidade de Caxias do Sul. Os dados foram analisados através da abordagem qualitativa e em alguns momentos os foram apresentados de forma quantitativa.

**Palavras-chave:** Gênero e Sexualidade. Orientação Sexual. Crianças e Adolescentes.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>8</b>
2.1	INTENCIONALIDADE DA PESQUISA .....	10
2.1.1	<b>Tema</b> .....	<b>10</b>
2.1.2	<b>Problema</b> .....	<b>10</b>
2.1.3	<b>Objetivos</b> .....	<b>10</b>
2.1.3.1	Objetivo geral .....	11
2.1.3.2	Objetivos específicos.....	11
<b>3</b>	<b>REVISÃO TEÓRICA</b> .....	<b>12</b>
3.1	A SEXUALIDADE NO PROCESSO HISTÓRICO E CULTURAL .....	12
3.2	AS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS SOBRE SEXUALIDADE NO BRASIL .....	14
3.3	PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.....	16
3.4	EDUCAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE: PEDAGOGIAS FEMINISTAS E DE GÊNEROS .....	18
3.5	TEORIA <i>QUEER</i> E O CURRÍCULO PÓS CRÍTICO.....	22
<b>4</b>	<b>CAMINHO METODOLÓGICO</b> .....	<b>24</b>
4.1	A ESCOLHA DO QUESTIONÁRIO PARA PERCORRER OS CAMINHOS METODOLÓGICOS PROPOSTOS.....	24
4.2	ABORDAGENS QUALITATIVA E QUANTITATIVA NO PROCESSO METODOLÓGICO.....	25
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DE RESULTADOS</b> .....	<b>27</b>
5.1	TRAÇANDO O PERFIL DOS PARTICIPANTES SOB A ABORDAGEM QUANTITATIVA .....	27
5.2	ABORDAGENS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES COM BASE NA ANÁLISE QUALITATIVA ..	32

5.3	ORIENTAÇÃO SEXUAL: O ESPAÇO DOCENTE E A IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA PELOS PROFESSORES .....	32
5.4	INSTITUIÇÃO DE ENSINO E A ORIENTAÇÃO SEXUAL.....	34
5.5	O QUE DIZ A BNCC SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL .....	36
5.6	FORMAÇÃO ACADÊMICA X ORIENTAÇÃO SEXUAL .....	39
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
	<b>APÊNDICE - QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa desenvolvida na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresenta algumas reflexões sobre o papel do professor em relação à prática educativa ao que diz respeito aos diálogos sobre gênero e sexualidade dentro dos espaços escolares, ainda nos anos iniciais do ensino fundamental. Buscando compreender como os preconceitos a respeito do assunto influenciam a sua abordagem, visto que o mesmo ainda é considerado por muitos um tabu e com os professores não seria diferente. Tal preconceito se torna aceitável e compreensível tendo ciência que o mesmo é um tema complexo, pois envolve diversas áreas de conhecimento como biologia, psicologia, em conjunto com questões religiosas, culturais, entre outros, que de maneira direta ou indireta influenciam a abordagem da sexualidade.

A partir da prática investigativa, pretende-se ao longo do estudo, estabelecer um comparativo com o que diz os documentos oficiais de políticas educacionais nacionais, o que falam os autores que estudam a sexualidade na infância e pré adolescência, a questão histórica envolvida, bem como a percepção e prática educativa aplicada pelos professores das redes municipal, estadual e privada da cidade de Caxias do Sul, em relação a abordagem do assunto em sala de aula e nos demais espaços escolares.

O trabalho está organizado através de categorias de estudo, começando por tornar explícita a relevância do tema levantando um possível problema de pesquisa, para que em seu desenvolvimento ela possa ser respondida. Dando continuidade aos processos do estudo, é apresentado o processo histórico e cultural da sexualidade, as políticas públicas educacionais sobre sexualidade no Brasil, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para compreender quais são os documentos de políticas públicas que normatizam a educação sexual nos espaços escolares.

Posteriormente, é apresentado um pequeno capítulo que fala sobre educação, sexualidade e gênero: pedagogias feministas e de gêneros, onde é verificado o processo do feminismo em consonância com a educação ao longo da história. Por fim, é abordado a teoria *queer* nos espaços escolares. Outra etapa importante do trabalho refere-se à definição metodológica escolhida para guiar os caminhos da referente pesquisa científica, bem como a análise dos questionários realizados com os

professores da cidade de Caxias do sul, além da apresentação dos dados empíricos obtidos através do mesmo. Para isso, é retomado as linhas que inicialmente foram traçadas para guiar o trabalho, a fim de verificar se elas foram concluídas com êxito.

## 2 JUSTIFICATIVA

A referida pesquisa, pretende encontrar respostas acerca da abordagem de gênero e sexualidade nos espaços escolares. Esse trabalho possui caráter acadêmico, sendo pré-requisito para a titulação de grau do curso de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade de Caxias do Sul.

A escolha do tema teve como ponto de partida uma inquietação discutida em uma aula ofertada na disciplina de Ensino e Aprendizagem de Ciências Naturais, no Curso de Pedagogia, pois conforme debatida na aula citada, a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) retirou o tema das unidades de ensino dos anos iniciais do ensino fundamental. Levando em consideração que a partir do ano de 2020 a BNCC tornou-se um documento normativo obrigatório em território nacional, esse fato causa preocupação, pois a minimização do tema no documento, pode acarretar em faltas de diálogos dentro das salas de aulas, bem como nos espaços escolares como um todo, portanto o assunto poderá permanecer como um tabu para parte dos docentes e discentes.

É notório que uma parcela significativa de crianças e adolescentes da geração atual possuem contato com a internet e suas tecnologias, ou seja, qualquer dúvida que surja relacionada ao corpo ou até mesmo sobre as mudanças ocorridas no mesmo, como sexualidade e orientação sexual, são questões que podem facilmente ser respondidas se recorridas aos meios eletrônicos, necessitando apenas do acesso a internet, desse modo surgirão instantaneamente infinitas respostas nas telas eletrônicas. No entanto, deve-se ter respaldo quanto a essa ação, pois nela poderão conter informações as quais as crianças não precisam ter contato nesse primeiro momento, questões que muitas vezes não eram nem a dúvida que as mesmas carregavam. Se faz interessante ter em mente que eles ainda não constituíram maturidade o suficiente para encará-las e, nesse sentido, possam deixá-los, até mesmo, traumatizados em relação ao contato com o assunto.

Diante do exposto, é importante que a escola como instituição de ensino, possa abordar a Orientação Sexual em seus espaços, incluindo a sala de aula, não limitando-se apenas a transmissão de informações, como também proporcionando a abertura do assunto, para que os professores consigam suprir as dúvidas na medida em que as mesmas surjam, respeitando a faixa etária e o desenvolvimento intelectual e psíquico em que as crianças e adolescentes estão submetidas.

No tratamento do tema nos espaços escolares, há também a possibilidade de os profissionais da educação trabalharem com questões mais sérias envolvendo gênero e sexualidade, como por exemplo, situações de abusos sexuais, dificuldade na aceitação da identidade sexual quando a mesma acarreta em um conflito interno para o indivíduo, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, pedofilia, entre outros. Os professores, por estarem com os alunos todos os dias, podem verificar mudanças comportamentais ou algo que indique que está acontecendo algo suspeito, quando as mesmas fizerem-se presentes. Pode-se observar ainda, mudanças no desenvolvimento do aluno em nível social, psicológico, corporal e no aprendizado, para que a família ou outro órgão competente sejam avisados, caso seja constatado que, de fato, algo está acontecendo com esse aluno ou aluna.

Sendo assim, é possível compreender que escola e família caminham juntas ao que diz respeito a constituição dos sujeitos, não limitando-se apenas ao senso comum entre quem educa e quem ensina.

Em relação à gravidez precoce e ao abuso sexual, os parâmetros curriculares nacionais (BRASIL, 1997) abordam os assuntos como “problemas graves” reconhecendo a importância do tema dentro dos espaços escolares:

O trabalho de Orientação Sexual também contribui para a prevenção de problemas graves, como o abuso sexual e a gravidez indesejada. Com relação à gravidez indesejada, o debate sobre a contracepção, o conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais, sua disponibilidade e a reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a percepção sobre os cuidados necessários quando se quer evitá-la. Para a prevenção do abuso sexual com crianças e jovens, trata-se de favorecer a apropriação do corpo, promovendo a consciência de que seu corpo lhes pertence e só deve ser tocado por outro com seu consentimento ou por razões de saúde e higiene. Isso contribui para o fortalecimento da autoestima, com a consequente inibição do submetimento ao outro

No entanto, o que acarreta em preocupação, são as mudanças comportamentais que parte da sociedade vem adotando em relação ao tratamento do tema, visto que um documento que foi escrito há mais de 20 anos (PCN's), apresenta a importância do tema dentro do currículo escolar, garantindo a sua pluralidade em diferentes áreas do conhecimento. Enquanto, um segundo documento educacional, escrito em 2017 (BNCC), não o faz da mesma maneira, podendo considerar como um retrocesso social e educacional, se comparada a diferença de possibilidades ofertadas sobre tema para auxiliar os docentes em suas abordagens.

A relevância deste trabalho está na possibilidade de contribuir com estudos acerca da temática sobre sexualidade e gênero nos espaços escolares, relacionando as narrativas dos professores das escolas das redes de ensino públicas e privadas da cidade de Caxias do sul, bem como a análise das atuais políticas que refletem nos currículos escolares nacionais. Diante do exposto, a pesquisa tem como o título “Diálogos<sup>1</sup> sobre Gênero e Sexualidade nos espaços escolares dos anos iniciais do Ensino Fundamental” visando, compreender como as práticas educativas influenciam a abordagem do tema nos espaços da escola.

## 2.1 INTENCIONALIDADE DA PESQUISA

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram definidos elementos que serão balizadores para a construção do trabalho.

São eles os citados nas sessões abaixo.

### 2.1.1 Tema

Gênero e Sexualidade nos espaços escolares.

### 2.1.2 Problema

Como os professores abordam a temática orientação sexual em suas aulas e qual a importância atribuída pelos mesmos ao tema?

### 2.1.3 Objetivos

Abaixo serão traçados os objetivos de forma geral, assim como os objetivos específicos deste trabalho.

---

<sup>1</sup> Nessa pesquisa o termo diálogo refere-se à inserção do tema nos espaços escolares entre alunos, professores e família, promovendo discussões pertinentes a temática. Portanto, não está atribuído a metodologia da pesquisa.

### 2.1.3.1 Objetivo geral

Pesquisar a perspectiva atribuída para orientação sexual no âmbito da educação dos anos iniciais do ensino fundamental, por meio do depoimento dos professores e professoras das redes de ensino privada, municipal e estadual, sobre a importância da orientação sexual na docência.

### 2.1.3.2 Objetivos específicos

Verificar nas políticas educacionais para os anos iniciais do ensino fundamental a indicação acerca do tema Orientação Sexual nos currículos escolares.

Investigar o significado e a necessidade da inserção do tema Orientação Sexual nos currículos escolares.

Analisar a importância atribuída ao tema sobre identidade de gênero e sexualidade nos currículos escolares, a partir da percepção dos professores e professoras de escolas das redes de ensino privada, municipal e estadual.

### 3 REVISÃO TEÓRICA

Para a construção e o embasamento teórico do assunto abordado no presente trabalho de pesquisa, faz-se necessário que recorra-se a obras que enfatizam e estudam o tema em conjunto com a educação, bem como autores conceituados em relação à temática, tornando-se necessário também, analisar os documentos educacionais nacionais para que seja possível compreender a que tipo de política pública educacional o tema está presente nos espaços escolares, bem como sua relevância para o ensino básico, ainda nos anos iniciais do ensino fundamental. Para isso, será contextualizado cinco tópicos sobre sexualidade e gênero para que seja possível alcançar a compreensão da amplitude do tema.

#### 3.1 A SEXUALIDADE NO PROCESSO HISTÓRICO E CULTURAL

Analisando a história da sexualidade dentro da sociedade brasileira, se torna bastante interessante compreender o motivo da adesão da temática muitas vezes censurada na sociedade para espaços como a escola.

A sexualidade nasceu junto com a humanidade e, desenvolve-se junto ao homem, sendo discutida desde a antiguidade e conseqüentemente, encarada pela sociedade sob diferentes visões em distintos períodos históricos. De acordo com Foucault (1988) na idade média a tradição pagã não fazia impedimentos a respeito das práticas sexuais, exceto fazendo a separação corpo-espírito defendida pela igreja católica. No entanto, há explicações para que não houvessem restrições sobre as práticas sexuais. Isso ocorreu devido ao número de mortes por pragas e guerras que assombravam a época, de modo que, tornava-se necessário o crescimento da natalidade na mesma medida. Somente a partir do século XVIII é que o ideal puritano da sexualidade foi incorporado na sociedade, representado por ordem moral e de costumes considerados como práticas normais ou práticas doentes, fazendo assim uma classificação dos atos sexuais. É importante salientar que nesse período até meados do século XX o ato sexual passou a ser visto puramente como método reprodutor e foi apenas na década de 60, que surgiram novas mentalidades denominadas como “revoluções sexuais”.

Outro fator importante que ajudou na discussão da sexualidade no Brasil, foi a promulgação da lei do divórcio no país, que finalmente foi aprovada em plena ditadura

militar (BRASIL, 1977). Desse modo, iniciou-se no Brasil um discurso pró sexual, marcado pela libertação da mulher, que passou a integrar o mercado de trabalho que antes era em quase sua totalidade marcado pela presença masculina, salvas exceções. O magistério, por exemplo, que na segunda metade do século XIX abriu espaço para as mulheres, iniciou com a entrada nas salas de aula como alunas, e nesse momento o magistério passou a obter mudanças para se feminizar. Posteriormente, nesse sentido, aos poucos, as mulheres começaram a seguir a carreira como docentes. Conforme Wallkerdine (1995, apud LOURO, 1997, p. 98):

Não é nenhuma coincidência que, neste momento, os cursos de formação de docentes passem a se abrir e se dirigir mais às mulheres. Isso ocorre à medida em que novas teorias psicológicas e pedagógicas passam a considerar o afeto como parte do “ambiente facilitador” da aprendizagem. A representação do magistério passa, então, a ser mais claramente feminina - pelo menos do magistério que tem como alvo as crianças, o magistério primário ou de primeiro grau.

Nesse sentido, é possível relacionar a fala das autoras, como uma possível explicação ao processo da presença feminina nos cursos docentes ao longo do processo histórico de meados do século XIX e século XX, refletindo até os dias atuais do século XXI. Especialmente, aos cursos destinados para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, como sendo fator resultante do instinto materno feminino, no qual a mulher é mais afetuosa em relação a uma boa parte dos homens.

Voltando às reflexões sobre a sexualidade no Brasil, durante a década de 80, o país enfrentou a proliferação da AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida, considerada na época pelos conservadores como “praga gay” especialmente para homossexuais masculinos tidos como grupo de risco. Nesse momento, o ideal sexo livre, passa a necessidade de sexo seguro, levando assim a necessidade de ser abordado dentro das escolas, espaço antes visto como assunto censurado e proibido.

Ampliando o estudo sobre a orientação sexual, abordada dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, BRASIL, 1997), o documento entende a importância da sexualidade para o desenvolvimento psíquico das pessoas, pois compreende que faz parte da pluralidade de cada indivíduo que vai do nascimento até a morte, sob diferentes formas. Acredita-se também que a sexualidade vai muito além da reprodução, assumindo a necessidade da busca do prazer como algo normal à

prática humana. A sexualidade é um tema estudado por diferentes áreas, como; Educação, Psicologia, Antropologia, História, Biologia, Medicina e outras, assim como está ligada profundamente a afetividade e emoções, expressada de forma singular em cada indivíduo.

De acordo com o documento, a sexualidade está presente na infância desde os primeiros dias de vida, no contato da mãe com o bebê e se desenvolve ainda em diferentes momentos da infância, a construção da diferença de gênero masculino e feminino, ocorre principalmente pelas diferenças constituídas culturalmente pela sociedade e são essas representações que contribuem para o processo de identidade da criança.

O documento não tira a responsabilidade do assunto ser abordado para as crianças em forma particular/familiar, no entanto, ele traz a responsabilidade para que também os educadores abordem a temática. Ademais, levando em consideração o cenário atual da educação, onde as crianças passam mais tempo ativos com os professores, muitas vezes o papel dos educadores vai além de ensinar conteúdos didáticos, mas sim, ensinar questões sobre a vida, saúde, relações sociais e debates que envolvam o contexto social e cultural que as crianças e jovens fazem parte dentro e fora da rotina escolar. Nesse sentido, é possível perceber que mesmo que o discurso sobre “família educa e escola ensina” ser bonito, não se aplica na realidade cotidiana, visto que uma parcela expressiva de crianças e adolescentes permanecem na escola ou instituições de ensino na maior parte do seu tempo hábil.

### 3.2 AS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS SOBRE SEXUALIDADE NO BRASIL

Mesmo que o tema sexualidade dentro da escola gere, em primeiro momento, uma sensação de desconforto e estranheza, principalmente pelos professores, por ser um tema que carrega em si diferentes narrativas, sejam elas de ordens religiosas, familiares, biológicas, psicológicas, entre outras. É necessário considerar que o desenvolvimento corporal e sexual faz parte do desenvolvimento humano e, portanto, faz parte da vida da criança e do jovem.

Cabe à escola o papel de garantir a discussão e a inclusão curricular em todos os níveis de escolarização e isso está garantido nos temas transversais, correspondendo a questão de caráter importante, emergencial e que está presente no

cotidiano ao qual as crianças e jovens vivem. A temática, portanto, está assegurada nas Políticas Públicas Educacionais, em aspecto normativo.

Ao analisar o documento dos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN's), 1997, encontramos os temas transversais:

A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). (...)a transversalidade abre espaço para a inclusão de saberes extraescolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construídos na realidade dos alunos. Os Temas Transversais, portanto, dão sentido social a procedimentos e conceitos próprios das áreas convencionais, superando assim o aprender apenas pela necessidade escolar. (BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais. Brasília, 1997, p. 31)

Em relação à Orientação Sexual, o documento traz a necessidade do tema em sala de aula como uma intervenção pedagógica, tendo como objetivo transmitir informações e problematizar questões, possibilitando debates de diferentes pontos de vista acerca da temática. O documento pressupõe-se em três eixos de intervenção do professor: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção de Doenças Sexualmente transmissíveis/AIDS.

Em relação a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e conforme dito na sessão anterior, o documento traz a temática com a nomenclatura apenas no 8º ano (alunos com a faixa etária entre 13-14 anos) na disciplina de ciências, na Unidade Temática “vida e evolução”, as habilidades a serem desenvolvidas a respeito da unidade de conhecimento são:

(EF08CI08) Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso. (EF08CI09) Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). (EF08CI10) Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção. (EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética). (BRASIL. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017, p. 348)

É possível perceber que a Base aborda o assunto diretamente, apenas quando os alunos estiverem passado da puberdade, iniciando uma vida sexual de caráter

biológico, desconsiderando as diferentes vertentes do ensino sobre sexualidade e gênero, bem como, valorização do corpo como sendo algo particular, limitando o acesso ao outro, o conhecimento do indivíduo como sujeito a qual possui vontades, desejos e saberes que são próprios. Nesse sentido, a sexualidade é tida como objeto de saber único, possuindo propósitos específicos. Esse fato pode ser resultante da onda de conservadorismo a qual o país vem enfrentando nos últimos anos, no entanto, a pesquisa em questão não irá abordar essa circunstância e caberá apenas como uma reflexão. No entanto, a Base deixa espaços abertos para a fala do tema em dois aspectos descritos nas competências gerais da Educação Básica, são elas:

1- Valorizar e utilizar os **conhecimentos historicamente construídos** sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma **sociedade justa, democrática e inclusiva**.

7- Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os **direitos humanos**, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao **cuidado de si mesmo**, dos outros e do planeta. (BRASIL, p.9, 2017)

Nas palavras destacadas na citação, pode-se compreender que se expressa de forma subjetiva a Orientação Sexual dentro das competências gerais da educação básica, pois tratam sobre diversidade, direitos humanos, cuidado de si mesmo e uma sociedade justa e inclusiva. Ou seja, aspectos que as questões de gênero e sexualidade também acreditam.

Analisando os dois documentos que foram descritos, é possível perceber a diferença em que os Parâmetros Curriculares Nacionais abordam o assunto sobre Orientação Sexual em relação a Base Nacional Comum curricular. O PCN's aborda o assunto com importância, englobando as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro, diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes dentro de uma sociedade democrática e pluralista de forma aberta e direta, demonstrando estudo e interesse pela a abordagem do assunto entre professor-escola-aluno.

### 3.3 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Dando início ao estudo teórico sobre a temática da pesquisa, se faz necessário

compreender o que são os documentos de políticas públicas educacionais que serão utilizados ao longo do processo. São eles:

**Parâmetros Curriculares Nacionais** (PCN's - 1997), escrito e divulgado pela Secretaria de Educação Fundamental, no ano de 1997. Possuindo como função orientar os professores em suas práticas docentes, auxiliando-os. O documento também possui o intuito de garantir que ocorra um ensino de qualidade, visto o investimento de finanças públicas na educação, no ensino fundamental, evidenciando também que o cenário educacional em que o país se encontrava na época, tinha a preocupação da elevação do ensino fundamental.

Os PCN's trazem a preocupação do ensino para a parcela da sociedade que estão mais distantes das áreas urbanas, garantindo que a educação propicie socializações, discussões e pesquisas. O documento se caracteriza de forma plural, respeitando as diferenças culturais, étnicas, religiosas e políticas que a sociedade brasileira possui. Diante disso, o documento expressa:

Por sua natureza aberta, configuram uma proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos e sobre programas de transformação da realidade educacional empreendidos pelas autoridades governamentais, pelas escolas e pelos professores. Não configuram, portanto, um modelo curricular homogêneo e impositivo, que se sobreporia à competência político-executiva dos Estados e Municípios, à diversidade sociocultural das diferentes regiões do País ou à autonomia de professores e equipes pedagógicas. (BRASIL, p. 10, 1997)

Sendo assim, a preocupação dos Parâmetros Curriculares Nacionais é a melhoria da educação brasileira. Diante dessa busca, o documento deixa explícito que para que a qualidade do ensino seja alcançada, se faz necessário investimentos na área da educação, bem como na formação continuada dos professores, entre outras coisas relacionadas aos professores e a valorização da categoria.

Para isso, há 14 cadernos referente aos PCN's, sendo eles o primeiro a introdução ao documento, 7 cadernos voltados para disciplinas de ensino como, matemática, português, artes, ciências naturais, história e geografia - sendo esse dividido em dois cadernos, e educação física. Além disso, os parâmetros apresentam 4 temas transversais, sendo eles: meio ambiente, saúde, pluralidade cultural e orientação sexual.

Nessa pesquisa será utilizado o caderno que diz respeito aos temas transversais - Orientação Sexual, sendo explorado no decorrer do trabalho.

Como segundo documento, será utilizado o que há de normalização educacional mais recente, a **Base Nacional Comum Curricular**:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN). (BRASIL, 2017)

Em relação ao currículo, a Base destaca que:

A BNCC e os currículos se identificam na comunhão de princípios e valores que, como já mencionado, orientam a LDB e as DCN. Dessa maneira, reconhecem que a educação tem um compromisso com **a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica**. Além disso, BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. (BRASIL, 2017)

O documento garante (na parte grifada da citação) a formação e o desenvolvimento humano global dos sujeitos, no entanto, no decorrer da leitura desse mesmo capítulo a Base apresenta uma série de temas contemporâneos que devem ser incluídos dentro do currículo escolar, como: direitos da criança e do adolescente, educação para o trânsito, educação ambiental, educação alimentar e nutricional, processo de envelhecimento, entre outros, mas deixa de fora a orientação sexual. Nesse sentido, a BNCC não insere a discussão da orientação sexual nos anos iniciais do ensino fundamental, deixando-a apenas para um módulo da disciplina de ciências no 8º ano, os anos finais do ensino fundamental.

### 3.4 EDUCAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE: PEDAGOGIAS FEMINISTAS E DE GÊNEROS

Ao abordar a temática de orientação sexual em espaço escolar, gera-se geralmente um desconforto geral, tanto para o professor que aborda ou para os alunos

que se sentem envergonhados pelo tema, fato esse oriundo das práticas sociais e morais a qual a nossa sociedade está integrada. No entanto, cabe fazer a observação sobre como a sexualidade faz parte da rotina escolar e, como ela dita a “normalidade” sexual das crianças em sala de aula.

Há professores que não se dão conta de como suas práticas docentes estão ligadas às questões de gênero e sexualidade, pois são práticas rotineiras, tidas com naturalidade e de formas suaves, que passam despercebidas, pois fazem parte do que, comumente, enquanto sociedade, crescemos aprendendo que é o “normal” ou “certo”. Por exemplo, nos jogos ou brincadeiras na disciplina de Educação Física, que embora haja uma tendência atual em não separar mais as crianças pelo sexo biológico, ainda há algumas vezes momentos em que os alunos são divididos em grupos de meninas e meninos, classificando jogos de meninas, como o vôlei e jogos de meninos como o futebol, entre tantas outras atividades que são diferenciadas pelo mesmo critério.

Analisando ainda o processo histórico ao que diz respeito às discussões de gêneros, as meninas são ensinadas desde cedo a se comportarem como “moças”, a aprenderem a possuírem regras de etiqueta como, se sentar corretamente, serem discretas, dóceis, gentis e obedientes, isso tudo tendo em vista uma projeção futura para uma boa mulher, boa esposa e boa mãe. Enquanto aos meninos, é ensinado que sejam valentes, que possuam aptidões físicas, ou seja, cabe aos homens o que é de desenvolvimento de caráter corporal e as mulheres o que é mais delicado. Conforme Guacira Lopes Louro cita em seu livro “O corpo educado - Pedagogias da Sexualidade, (p.18, 2001) ao que diz respeito ao processo histórico de ensino para meninos e meninas:

A ação pedagógica mais explícita, aquela que encheria as páginas dos planejamentos e dos relatórios educacionais, voltava-se, muito provavelmente, para a descrição, em detalhes, das características que constituíam a qualificação “civilizado”, ou seja, voltava-se de forma manifesta para os atributos lógicos e intelectuais que, supostamente, seriam adquiridos na escola, através de práticas de ensino específicas. O investimento mais profundo, contudo, o investimento de base da escolarização se dirigia para o que era substantivo: para a formação de homens e mulheres “de verdade”.

Para compreender melhor o processo histórico das discussões de gênero ao que diz respeito às mulheres e ao feminismo, segue abaixo uma tabela explicativa com os principais períodos e suas marcas:

Quadro 1 - Períodos históricos acerca do feminismo

Período Histórico	Descrição
Período pré histórico (4.000 a.C)	As mulheres eram vistas como deusas da terra, a ligação mais próxima a divindade pela força que tinham, pois eram capazes de gerar a vida.
Período Matriarcal	A mulher era o centro da comunidade, pois só ela tinha o poder de nutrir e gerar a vida, cabendo ao homem apenas o papel de reprodução.
Idade Média	As mulheres obtiveram acesso a literatura e as artes, pois como os homens tinham que ir para as guerras o intelecto se tornou menos viril.
Século XVIII	Houve a chamada Santa Inquisição, ou como conhecemos popularmente, a caça às bruxas, marcado pelas milhares de execuções contra as mulheres.
Século XIX	Começa-se a reflexão sobre um discurso de igualdade para as mulheres.
Século XX	Período marcado pela disseminação do movimento feminista onde a mulher passa a ser vista com mais respeito. Período marcado por inúmeras manifestações sociais no qual as mulheres reivindicavam por igualdade de direitos e emancipação.
Século XXI	A sociedade passou a encarar as discussões de gênero com mais leveza.

FONTE: SILVA, Vinicius da; LONDERO, Josirene Candido. **DO MATRIARCALISMO AO PATRIARCALISMO**: formas de controle e opressão das mulheres. 2016. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO\\_EV053\\_MD1\\_SA8\\_ID48\\_21042\\_016135430.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_SA8_ID48_21042_016135430.pdf). Acesso em: 28 abr. 2020.

Diante disso, pode-se verificar o quanto a sociedade nos últimos séculos está vinculada a ideia de patriarcado, ou seja, a mulher vista como propriedade do homem, onde, sua criação biológica, é vista como fundamental para estar a serviço do homem. Ainda que hoje, estejamos vivenciando um período predominado por causas feministas, ainda assim, o machismo é predominante, visto que trazemos isso em nossas bagagens culturais de ordem familiar, passando de geração em geração. Torna-se claro que ao longo das gerações diversas rupturas foram realizadas, no

entanto, essas situações de gênero estão presentes no dia a dia desde o nascimento e por toda a criação, de modo que algumas situações ocorram com muita naturalidade.

A exemplo, há um pouco mais de uma década, era algo normal as piadas e ofensas, tidas como “brincadeiras” - grifo meu, que denegriram a orientação sexual que não fosse a heterossexual, incluindo em programas de humor na TV. Muitas vezes chamando o outro de termos pejorativos para que o outro se ofendesse, pois era visto como algo anormal, feio e imoral.

Hoje, o que era conhecido como “brincadeira” passou a ser encarado como *bullying* - ações repetitivas de abusos (físico, verbal, material ou exclusão social). De acordo com Smith (2002) há dois pontos principais na caracterização dessa agressão: a repetição desses atos e a diferença de poder entre quem pratica o *bullying* e de quem é a vítima.

As práticas de linguagens, a qual a sociedade está acostumada a ter como o normal, dividem a sociedade entre papéis destinados a homens e papéis destinados a mulheres, tendem a constituir ideais da imagem do masculino e do feminino. Sendo assim, a heterossexualidade torna-se o essencial, ou seja, a junção de duas pessoas com sexos opostos para que em conjunto assumam seus papéis enquanto cidadãos, conseqüentemente devem construir uma família e seguir a ordem “natural” da vida.

E, para garantir que homens e mulheres conquistem esses papéis específicos na sociedade, cabe a escola, família, religião, mídia, entre outros, normalizarem isso em pequenos gestos contínuos, dando ênfase para tal. Contribuindo com esse pensamento, Louro (2001), acredita que:

A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente. Esse não é, no entanto, um processo do qual os sujeitos participem como meros receptores, atingidos por instâncias externas e manipulados por estratégias alheias. Ao invés disso, os sujeitos estão implicados e são participantes ativos na construção de suas identidades. Se múltiplas instâncias sociais, entre elas a escola, exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero e colocam em ação várias tecnologias de governo, esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de auto disciplinamento e autogoverno, que os sujeitos exercem sobre si mesmos. Na constituição de mulheres e homens, ainda nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou “jeitos de viver” sua sexualidade e seu gênero. (LOURO, p. 25, 2001)

Pode-se perceber a partir do pensamento da autora, como as relações de poder estão implícitas na construção da identidade sexual e de gênero dos indivíduos, sejam

eles homens ou mulheres. Desse modo, a sociedade tende a “fixar” um modelo padrão, como dito anteriormente, a heterossexualidade. Diante disso, cabe à escola garantir essa articulação.

No entanto, a escola fica dividida, pois ao mesmo tempo em que precisa normatizar a heterossexualidade, não pode aflorar a sexualidade das crianças e deve evitar que os adolescentes tenham contato sexual. Nesse momento, surge uma situação problema, os alunos expressam suas curiosidades a respeito da sexualidade, e a escola de forma tradicional, tende a não respondê-las, enfatizando que esse assunto será encarado em um momento oportuno na vida adulta.

Ainda para a autora Louro (2001, p. 27): “Redobra-se ou renova-se a vigilância sobre a sexualidade, mas essa vigilância não sufoca a curiosidade e o interesse, conseguindo, apenas limitar sua manifestação”. De acordo com a autora, as crianças e jovens tendem a deixar as perguntas e curiosidades em segredo, como algo privado e íntimo.

### 3.5 TEORIA *QUEER* E O CURRÍCULO PÓS CRÍTICO

Seguindo os passos da disseminação da teorização feminista sobre gênero, chegamos à teoria *queer*, de acordo com o autor Silva, 2004, o termo *queer* surgiu em países como Estados Unidos e Inglaterra, unificando os estudos sobre gays e lésbicas. Historicamente, o termo *queer* é utilizado para se referir de modo pejorativo e depreciativo as pessoas homossexuais, o termo significa “estranho”, “esquisito”, “fora do normal”, entre outros significados semelhantes. No entanto, o movimento homossexual transforma o termo *queer* em algo positivo. Desse modo, invertem o pensamento da estranheza ao que é tido como incomum, como um questionamento ao que é tido pela sociedade, problematizando a “normalidade”.

Seguindo o pensamento do autor estudado:

A teoria *queer* estende a hipótese da construção social para o domínio da sexualidade. Não são apenas as formas pelas quais aparecemos, pensamos, agimos como homem ou como mulher - nossa identidade de gênero - que são socialmente construídas, mas também as formas pelas quais vivemos nossa sexualidade. Tal como ocorre com a identidade de gênero, a identidade sexual não é definida simplesmente pela biologia. Ela tampouco tem qualquer coisa de fixo, estável, definitivo. A identidade sexual é também dependente da significação que lhe é dada: ela é, tal

como a identidade de gênero, uma construção social e cultural. (SILVA, 2004, pg. 106)

Podemos perceber que por mais que a identidade de gênero e identidade sexual sejam singulares, há unificação de cada indivíduo. Existe em volta dessa construção uma preocupação, o que podemos classificar como uma taxa de sucesso ou fracasso caso ocorra processos que vão de encontro ao que é considerado “anormal” para a sociedade, ou seja, o que não é heterossexual.

A teoria *queer* dentro da identidade sexual, vem para problematizar essa naturalização do certo e errado, ou do normal e anormal, que é a heterossexualidade em relação a homossexualidade. No entanto, essa teoria não trata apenas sobre a homossexualidade, ela vai além, possibilita que sejam problematizados tudo o que é tido como negação, o que vai contra ao pensável, ao idealizado. De acordo com Silva, 2004, “pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade”.

Foi a partir da teoria *queer* que surgiu a proposta da pedagogia *queer*. Essa pedagogia não se limita ao ensino da sexualidade e homossexualidade no currículo, no entanto ela não pode se omitir a essas questões e faz com que essas questões sejam vistas com seriedade no currículo, indo além da transmissão de informações. Podemos perceber essa situação da citação do autor em seu livro: “A sexualidade, embora fortemente presente na escola, raramente faz parte do currículo. Quando a sexualidade é incluída no currículo, ela é tratada simplesmente como uma questão de informação certa ou errada, em geral ligada a aspectos biológicos e reprodutivos.” (SILVA, 2004, p. 108).

A pedagogia *queer* não quer levar apenas a aceitação e respeito da homossexualidade, tampouco a uma tolerância no qual há movimentos históricos reivindicando-os. Essa pedagogia, vai além, ela quer criar espaços de discussões sobre o que é considerado moral e imoral, possibilitando questionamentos aos processos institucionais e discursivos, representados através de uma perspectiva neutra e dentro da normalidade. Portanto, sua ênfase está ligada a uma metodologia cujos processos sejam de análises e compreensões sobre as identidades sexuais.

## 4 CAMINHO METODOLÓGICO

Para desenvolver a presente pesquisa de nível experimental, que de acordo com Gil (2008, p.28) “as pesquisas exploratórias tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” Ainda segundo o autor, esse tipo de pesquisa demanda menos rigidez em seu planejamento e envolve levantamentos bibliográficos, análise documental, e estudo de caso, sendo o terceiro item a metodologia de pesquisa escolhida para nortear os estudos, que de acordo com Yin (2005, p32), “o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade.

Para tal, definiu-se em um primeiro momento que a técnica a ser utilizada seria de forma presencial, para isso, seriam analisadas três escolas, previamente selecionadas no município de Caxias do Sul, com a finalidade de atender a públicos distintos e com caráter administrativo a partir de diferentes iniciativas (público e privada).

Tendo em vista a possibilidade de verificar como o assunto sobre sexualidade e gênero é retratado em cada instituição, com o intuito de observar se os diferentes ambientes provocam mudanças de interesses em relação à abordagem do tema.

Mas, no decorrer do processo de pesquisa, a sociedade se deparou com um momento histórico, ainda não vivenciado pelas gerações do último século, a pandemia causada pelo COVID-19. Esta ocasião, fez com que o planejamento da presente pesquisa de natureza exploratória, fosse repensada e reorganizada.

Diante dessa situação, a forma em que a metodologia do estudo de caso iria ser utilizada precisou ser revista.

### 4.1 A ESCOLHA DO QUESTIONÁRIO PARA PERCORRER OS CAMINHOS METODOLÓGICOS PROPOSTOS

Diante do exposto no tópico anterior, a coleta de dados precisou ser repensada, ocorrendo de forma virtual, para isso, foi elaborado e aplicado um questionário

destinado aos professores do ensino básico dos anos iniciais do Ensino Fundamental, da cidade de Caxias do Sul. O questionário foi desenvolvido através da plataforma do *Google Forms*, e teve sua divulgação a partir do dia 24 de abril de 2020 através de redes sociais, e-mails e ambiente virtual acadêmico. De acordo com Fonseca (2002, p.58), o questionário: “É um instrumento de pesquisa constituído por uma série de perguntas organizadas com o objetivo de levantar dados para uma pesquisa, cujas respostas dadas pelo elemento ou pelo pesquisador sem a assistência direta ou orientação do investigador”.

Em consonância com o pensamento do autor, o questionário foi elaborado tendo preocupação quanto a organização e distribuição das perguntas. De acordo com Gil (2002), a pesquisa é requerida quando não se tem informações suficientes para responder às questões levantadas, definindo as pesquisas como um processo racional e sistêmico. Para Fonseca (2002, p. 20): “a pesquisa é a atividade nuclear da ciência. Ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Processa-se através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real”.

Para que a pesquisa seja desenvolvida, Gil (2002) explicita a necessidade do cuidado na utilização de métodos e técnicas, desde os primeiros momentos da pesquisa, como o planejamento da mesma até a coleta de resultados, bem como a sua análise e divulgação.

#### 4.2 ABORDAGENS QUALITATIVA E QUANTITATIVA NO PROCESSO METODOLÓGICO

Buscando responder às problematizações iniciais, será usado a abordagem qualitativa, que de acordo com Fonseca (2002) é diferenciada da quantitativa, pois preocupa-se em apresentar dados que condizem com a realidade, não podendo ser quantificados. Ainda, para Minayo (2001): “A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Como descrito acima, a abordagem qualitativa permite extrair respostas que evidenciem a prática docente em relação ao tema sobre discussões de gênero e

sexualidade, dentro da rotina escolar e nos seus espaços. Para isso, foi construído um questionário com perguntas objetivas e dissertativas, a fim de verificar respostas acerca do tema em questão, estabelecendo uma projeção sobre como os mesmos são tratados nas instituições de ensino na cidade de Caxias do Sul, possuindo como preocupação analisar os itens de localização e situação econômica, para verificar se há diferença no tratamento do tema em decorrência a esses fatos.

Dando sequência a abordagem qualitativa, a preocupação central da pesquisa estará baseada na compreensão do significado dado pelos professores acerca do assunto gênero e sexualidade, percebendo uma possível relação de valores morais, nos campos de ordem familiar, religioso, biológico, entre outros, nas respostas dadas.

Para explorar as respostas e proteger as identidades dos participantes, respeitando as normas éticas da Universidade de Caxias do Sul, é utilizado códigos para apresentá-los, eles são identificados como: P1, P2, P3, e assim sucessivamente na ordem a qual responderam o questionário.

As cinco perguntas iniciais do questionário, possibilitam a criação do perfil do participante, para auxiliar na compreensão das respostas relacionadas a temática abordada pelo pesquisador, bem como a interpretação delas.

Apesar da análise de dados partir de uma abordagem qualitativa, essas perguntas em questão serão analisadas de forma quantitativa, onde serão apresentados gráficos e dados numéricos para que ocorra uma visualização sobre o perfil dos professores. Essa combinação entre as abordagens qualitativas e quantitativas, de acordo com Fonseca (2002) são possíveis, pois, para o autor “A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.”

Os questionários foram recolhidos entre o período de 24 de abril de 2020 até o dia 20 de maio de 2020.

## 5 ANÁLISE DE RESULTADOS

Conforme descrito na seção anterior, os resultados serão analisados a partir da metodologia de estudo de caso, com natureza exploratória, a partir da abordagem qualitativa, com alguns dados apresentados através da abordagem quantitativa.

Cada questão do questionário será analisada sob perspectivas individuais e em conjunto com as demais, verificado possíveis divergências de pensamentos e posicionamentos de um mesmo professor em relação ao tema em questão.

De acordo com Roque Moraes (1999), o método de análise de dados se refere em 5 passos:

- a) preparação das informações;
- b) transformação do conteúdo em unidades;
- c) categorização ou classificação das unidades em categorias;
- d) descrição;
- e) interpretação.

Portanto, farei uso deste método para apresentar os resultados obtidos através do questionário, cujo título atribuído foi: “Questionário para os professores das redes municipais, estaduais e particulares dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Sexualidade no currículo escolar.”

O questionário<sup>2</sup> utilizado para a coleta de dados, contou com a participação de 27 professores, de diferentes regiões geográficas, econômicas, sociais e culturais da cidade de Caxias do Sul.

### 5.1 TRAÇANDO O PERFIL DOS PARTICIPANTES SOB A ABORDAGEM QUANTITATIVA

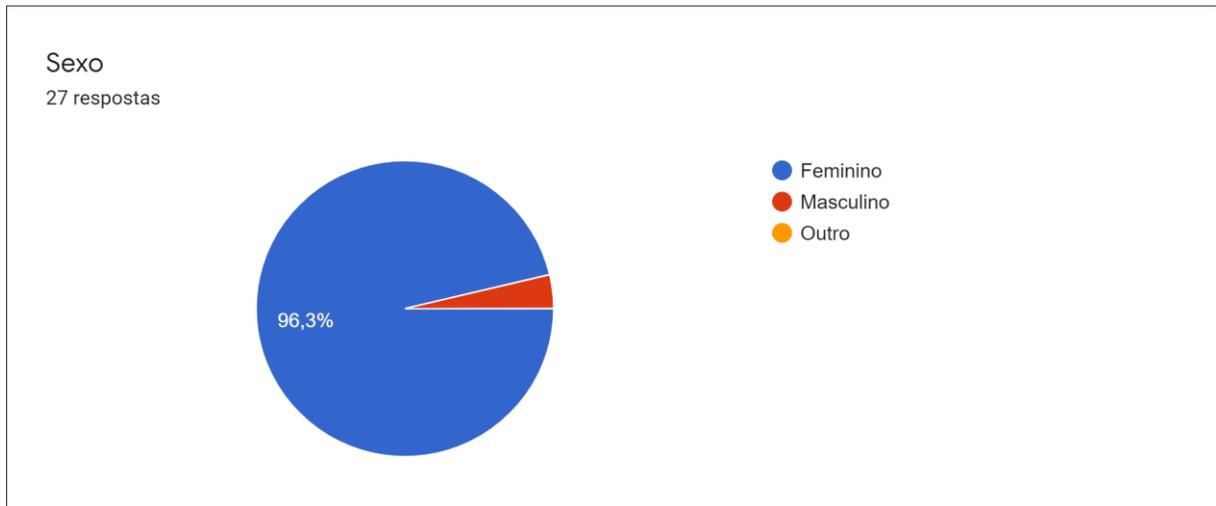
Os perfis dos participantes serão apresentados através de dados quantitativos, recorrendo a gráficos para ilustrá-los. Todos os gráficos a serem utilizados foram gerados a partir da ferramenta do *Google forms* a partir do questionário que foi divulgado.

---

<sup>2</sup> Questionário destinado aos professores das redes pública e privada da cidade de Caxias do sul. O questionário será utilizado para a construção dos dados empíricos da pesquisa.

Dos 27 professores do ensino básico da rede municipal, estadual e privada, da cidade de Caxias do Sul, 96,3% são do sexo feminino, sendo 3,7% do sexo masculino, correspondendo a 26 mulheres e 1 homem, como pode ser observado na figura a seguir.

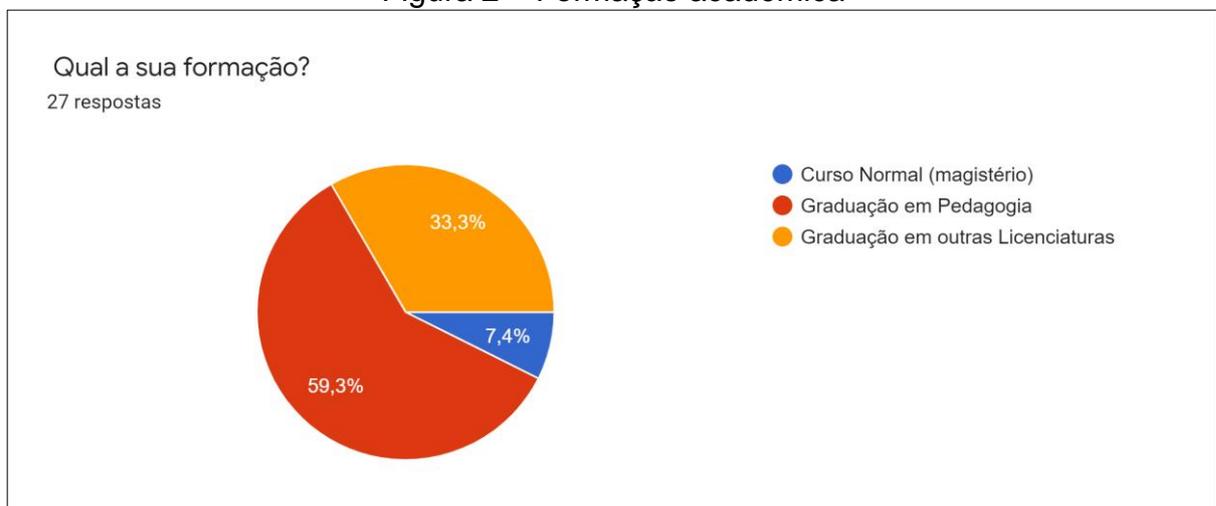
Figura 1 – Sexo



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *google forms*. (Abril e maio 2020)

No que se refere a formação, 59,3% são formados em Pedagogia, 33,3% formados em outras licenciaturas e 7,4% no curso normal (magistério).

Figura 2 – Formação acadêmica



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *google forms*. (Abril e maio 2020)

Em relação às duas primeiras perguntas, conforme dito anteriormente, é possível perceber que dos 27 participantes, apenas 1 é homem e é formado em outras

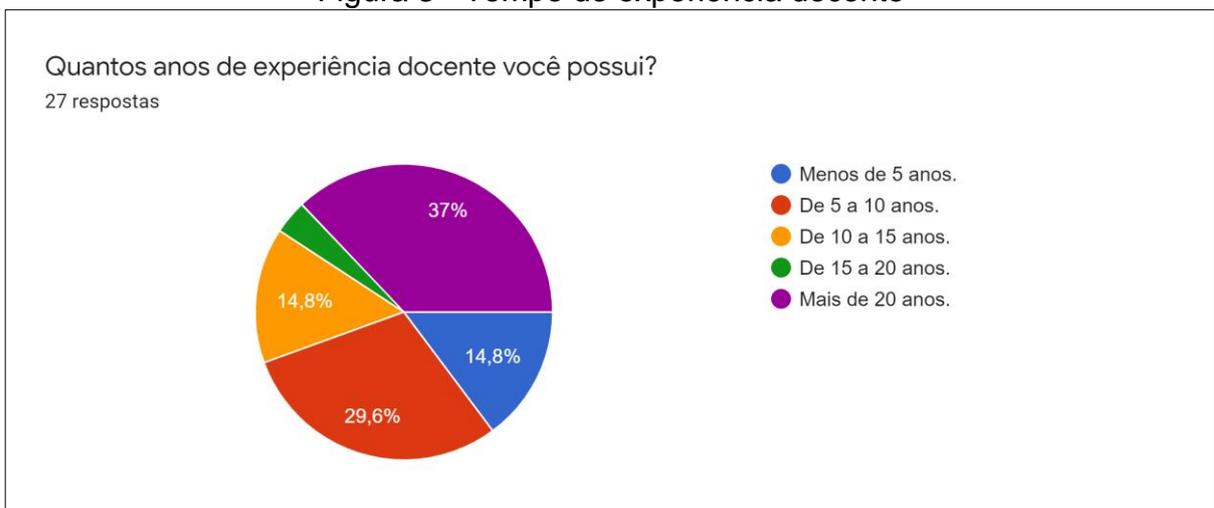
licenciaturas. Das 26 mulheres entrevistadas, 16 são pedagogas, 9 são formadas em diferentes licenciaturas e as 2 restantes possuem formação no curso normal (magistério). As três perguntas a seguir ajudam a complementar o perfil do participante, no que se refere a:

- tempo de experiência na docência;
- região da cidade de Caxias do Sul, em que se localiza a escola;
- natureza do ensino da escola (municipal, estadual ou privada).

E serão analisadas em conjunto para delimitar o perfil de cada participante.

Em relação à terceira pergunta do questionário, os dados apontam que:

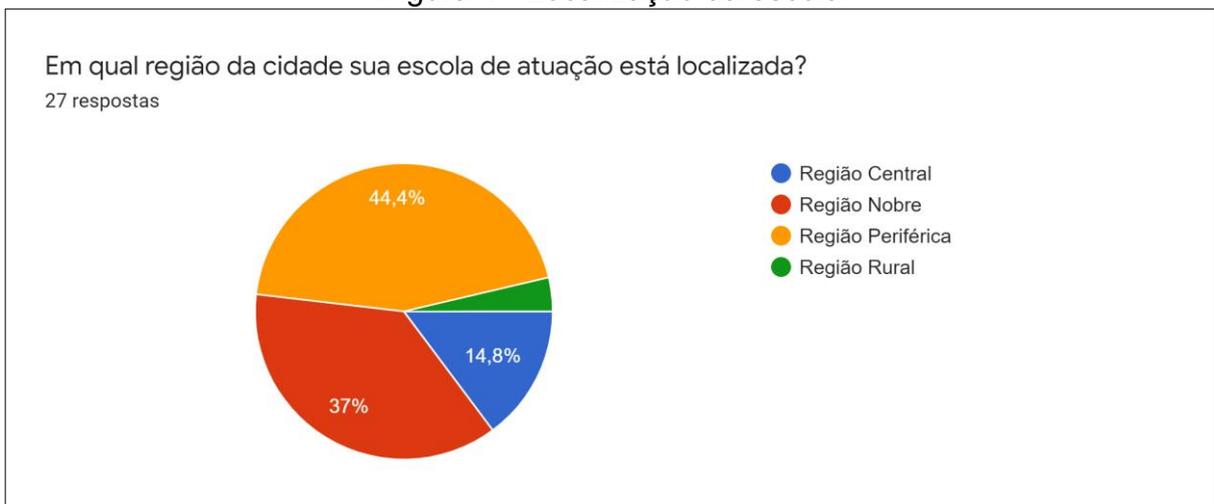
Figura 3 - Tempo de experiência docente



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *google forms*. (Abril/Maio 2020)

Sobre a quarta pergunta, é possível perceber que:

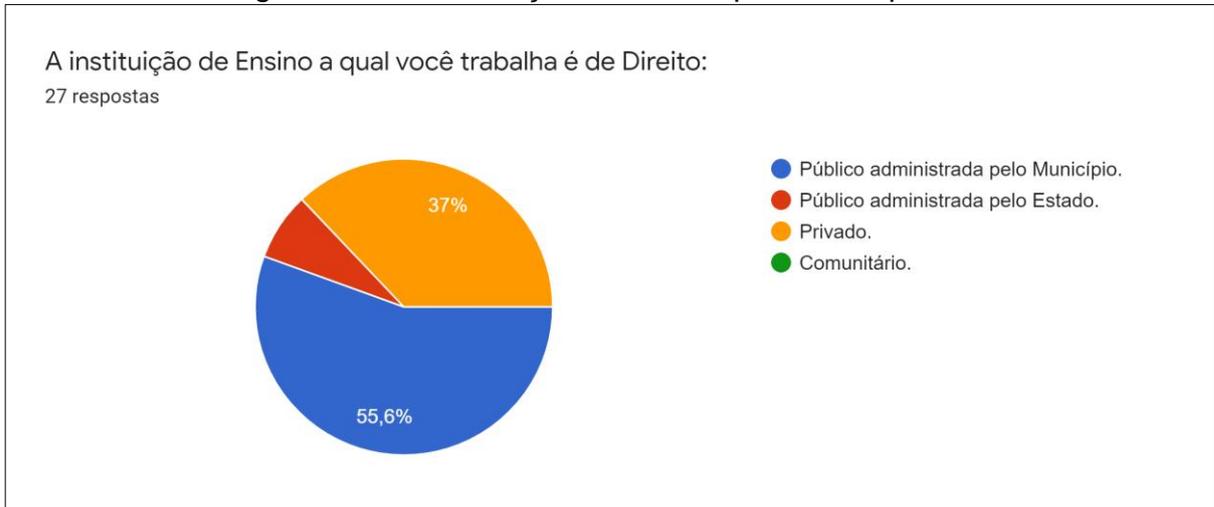
Figura 4 - Localização da escola



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através *google forms*. (Abril/Maio 2020)

A quinta e última pergunta sobre o perfil do entrevistado, mostra que:

Figura 5 - Administração da escola pública ou privada



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *google forms*. (Abril/Maio 2020)

Os últimos três dados analisados em conjunto revelam que, dez professoras atuam em escolas de rede privada, sendo que três professoras relataram que a escola está inserida na área central da cidade de Caxias do sul. Sete professores responderam que a escola está inserida em área nobre da cidade. Todavia, quinze professores da cidade de Caxias do Sul, totalizando a maioria dos professores participantes declararam atuar na rede municipal, sendo destes, 4 em regiões nobres da cidade, 10 em áreas periféricas e 1 em espaço central. Apenas 2 professores da rede estadual responderam o questionário, sendo que um professor atua em área periférica e o segundo em região rural.

O tempo de atuação docente varia bastante, no entanto, é notório que todas as 4 professoras municipais com mais de 20 anos de docência, atuam em regiões nobres da cidade.

Referindo ainda à questão relacionada aos anos de atuação docente dos vinte e sete professores participantes, quatro deles possuem menos de 5 anos de experiência, oito atuam entre 5-10 anos, quatro estão na faixa dos 10-15 anos e dez professores atuam a mais de 20 anos na docência escolar, totalizando o maior grupo de professores nesse quesito. Por fim, será apresentado a seguir um quadro contendo o perfil de cada participante, coletado no questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável pelo referido trabalho de conclusão de curso.

Quadro 1 - Tabela referente ao perfil dos participantes do questionário

Nome	Sexo	Graduação	Experiência Docente	Local	Escola é de direito
P1	Feminino	Pedagogia	5-10 anos	Central	Privado
P2	Feminino	Pedagogia	10-15 anos	Nobre	Privado
P3	Feminino	Pedagogia	+20 anos	periférica	Município
P4	Feminino	Pedagogia	-5 anos	Periférica	Município
P5	Feminino	Outras Licenciaturas	10-15 anos	Periférica	Estado
P6	Feminino	Outras Licenciaturas	+20 anos	Rural	Estado
P7	Masculino	Outras Licenciaturas	-5 anos	Periférica	Município
P8	Feminino	Outras Licenciaturas	5-10 anos	Central	Privado
P9	Feminino	Pedagogia	5-10 anos	Central	Privado
P10	Feminino	Pedagogia	10-15 anos	Central	Município
P11	Feminino	Magistério	-5 anos	Periférica	Município
P12	Feminino	Pedagogia	5-10 anos	Nobre	Privado
P13	Feminino	Pedagogia	5-10 anos	Nobre	Privado
P14	Feminino	Pedagogia	5-10 anos	Nobre	Privado
P15	Feminino	Pedagogia	+20 anos	Nobre	Privado
P16	Feminino	Pedagogia	15-20 anos	Nobre	Privado
P17	Feminino	Pedagogia	+20 anos	Nobre	Município
P18	Feminino	Pedagogia	+20 anos	Nobre	Município
P19	Feminino	Outras Licenciaturas	5-10 anos	Nobre	Município
P20	Feminino	Pedagogia	+20 anos	Periférica	Município
P21	Feminino	Outras Licenciaturas	15-20 anos	Periférica	Município
P22	Feminino	Outras Licenciaturas	+20 anos	Periférica	Município
P23	Feminino	Outras Licenciaturas	+20 anos	Periférica	Município
P24	Feminino	Pedagogia	+20 anos	Periférica	Município
P25	Feminino	Pedagogia	+20 anos	Periférica	Município
P26	Feminino	Outras Licenciaturas	5-10 anos	Periférica	Município
P27	Feminino	Magistério	-5 anos	Nobre	Privado

Fonte: Perfis obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *google forms*. (Abril e maio 2020)

## 5.2 ABORDAGENS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES COM BASE NA ANÁLISE QUALITATIVA

A partir de agora serão analisadas as perguntas dos questionários que possibilitaram verificar qual o sentido e a importância da temática para os professores em relação a abordagem do mesmo em suas práticas docentes, bem como nos espaços escolares a qual fazem parte.

São perguntas mistas, com o intuito de colher as opiniões dos professores participantes, possibilitando coletar uma projeção a respeito do tema na prática docente. Nesse sentido, as perguntas são optativas em conjunto com questões abertas de caráter dissertativo, ou seja, o participante poderá expressar-se de maneira livre, aumentando a possibilidade de análise para o entrevistador.

A partir desse momento as questões passam a ser analisadas de forma qualitativa, atribuindo maior valor as respostas de cada professor, aproximando-os à realidade local na qual a pesquisa foi aplicada. Cada questão será analisada de forma individual com um tópico específico para si, com exceção das questões 9 e 10 pois ambas abordam e complementam-se sobre a BNCC e, portanto, estarão em conjunto na mesma seção para que a discussão sobre a base esteja no mesmo subtítulo.

## 5.3 ORIENTAÇÃO SEXUAL: O ESPAÇO DOCENTE E A IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA PELOS PROFESSORES

A primeira pergunta referente a abordagem dos professores em relação à Orientação Sexual nas práticas docentes, demonstrou que a maioria dos professores não abordam a temática no ambiente escolar, seja em sala de aula ou outros espaços. Ao menos 10 professores somente responderam que não falam sobre o assunto, enquanto outros concordam que o tema seja importante, mas buscam justificar a falta do assunto em pauta devido a uma série de questões como a demanda dos conteúdos do currículo. Como respondeu a seguir, o Professor Onze no dia 06/05/2020: “Infelizmente, devido a demanda de conteúdos, não consegue-se abordar este assunto em sala de aula, mesmo sabendo que é de extrema importância”. Na mesma linha de raciocínio, alguns professores destacam que é necessário agir com cautela em relação ao assunto. Por outro lado, há um outro grupo um pouco menor que aborda a temática, alguns com espaços maiores e outros atendendo a pequenas demandas

abrangendo os temas transversais. No entanto, é perceptível que o tema gera desconforto até mesmo para os professores que declararam ceder espaços para discussões sobre a sexualidade nos espaços escolares em suas aulas, pois entram em consenso que o tema é delicado e, portanto, exige cautela. De acordo com Louro:

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição de sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer do cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber as falas, as sinetas e os silêncios. (LOURO, p.59, 1997)

O pensamento da autora citada, diverge do pensamento dos professores que justificam a falta da abordagem no espaço escolar devido a demanda dos conteúdos escolares, para a autora, é necessário que como professores saibamos olhar para além dos muros da escola, se faz necessário que tenhamos sensibilidade para olhar e abordar o que está entrelinhas, percebendo cada aluno, suas singularidades, pois isso também faz parte do cotidiano escolar.

Em relação a pergunta a seguir, “Como professor(a), você acredita na importância e relevância do tema transversal Orientação Sexual?” A maioria dos professores responderam que sim, o tema abordado na pesquisa se faz importante no currículo, pois segundo esse percentual maior de professores, o assunto possibilita diálogos, novos conhecimentos, discussões construtivistas, além do mais é um direito da criança e do adolescente em relação aos seus corpos como seres únicos e subjetivos que são. Relacionando o pensamento da maioria dos professores ao que diz respeito a importância do tema orientação escolar dentro da sala de aula, a autora estudada afirma que: “Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar, a calar; se aprende a *preferir*. (Louro, p.61, 1997)

Nesse sentido, se faz importante que o assunto seja incorporado na escola como tema transversal que é, pois o espaço escolar possibilita inúmeros acontecimentos relacionados ao processo de sexualidade e gênero, é nela muitas vezes que pré conceitos são concebidos como verdades, onde menino e menina são considerados diferentes pela questão sexual do corpo, e conseqüentemente, acaba-se tornando “natural” essa diferença, muitas vezes justificada por ser menino ou por ser menina, começando nesse momento a naturalização da desigualdade sexual.

Alguns professores ainda ressaltam que o assunto se faz necessário mesmo que os estudantes se sintam envergonhados com o mesmo, justamente por ser um tema que possibilitará o desenvolvimento integral dos sujeitos que se produzem na escola. No entanto, tecendo uma ligação entre as respostas das questões 6 e 7 é notório as divergências de posicionamentos, ora o assunto é delicado e exige cautela e muitas vezes não há espaço para o mesmo devido ao grande número de demandas a serem cumpridas no currículo escolar, posteriormente o assunto é importante porque possibilita inúmeras situações que são indispensáveis para o desenvolvimento integral dos sujeitos, mas muitos desses mesmos professores não dispõem de seus espaços docentes para tratá-los.

Voltando a olhar unicamente para a questão 7, apenas três professores opinaram a respeito da temática não ser importante para o currículo, pois em suas convicções o assunto é responsabilidade da família e, portanto, a elas pertence. No entanto, para a autora a abordagem sobre a sexualidade pode ser abordada dentro e fora do ambiente escolar, para ela: “A identificação dos possíveis aliados, a difusão das informações, a discussão e o convite talvez sejam passos importantes tanto para o reconhecimento da importância política que tem as relações de gênero e sexuais quanto para a disposição de questionar e transformar suas formas atuais”. (Louro, p. 127, 1997). Portanto, para a autora não se faz pertinente discutir quem deve abordar o tema com as crianças e adolescentes, mas havendo a possibilidade de parceria e união para as discussões sobre e gênero e sexualidade poderá ocorrer transformações culturais e sociais no aspecto do entendimento do tema por grande parte da sociedade.

#### 5.4 INSTITUIÇÃO DE ENSINO E A ORIENTAÇÃO SEXUAL

O questionário possui como oitava pergunta “De que forma a Instituição de Ensino a qual você trabalha aborda a temática?” sendo de caráter optativo foi formulada a partir de 4 possíveis variações de posicionamentos que a escola possui em relação ao tratamento do tema em seus espaços. Essa questão foi formulada para verificar possíveis alterações ao tratamento do tema devido a diferença social, cultural e econômica a qual a escola está inserida. A questão possibilita ao entrevistado 4 respostas com posicionamentos bem definidos, são elas:

- a) como um assunto importante e necessário para a constituição dos sujeitos, visto que a sexualidade é parte inerente do ser humano desde o nascimento até a morte;
- b) acredita ser um tema delicado, pois carrega consigo muitos tabus e crenças de ordem familiar, religiosa, etc;
- c) um assunto irrelevante ao conteúdo escolar, pois não agrega nenhum conhecimento específico;
- d) trata o assunto como um tema proibido de ser debatido em público.

Com uma diferença de 3,8%, a maioria dos professores (51,9%) afirmam que as instituições de ensino as quais trabalham, abordam a temática de acordo com a opção B. Sendo os outros 48,1% declaram que a instituição aborda o mesmo de acordo com a opção A.

Em relação ao intuito que essa questão pretendia verificar sobre modificações ao tratamento da abordagem da sexualidade devido a localização social e econômica, não foi possível verificar, pois professores de redes privadas e regiões centrais e nobres, realizaram escolhas diferentes em relação a alternativa, desse modo pode-se entender que os mesmos atuam em redes de ensino privadas distintas.

As escolas administradas pelo setor público (municipais e estaduais) divergem-se em posicionamentos também, escolas localizadas nas áreas centrais da cidade ficaram divididas. No entanto, foi possível verificar a respeito dessa questão que todos os professores municipais que atuam em regiões periféricas da cidade o posicionamento da instituição é o mesmo, acreditam que a Orientação Sexual é importante ser discutida nos espaços e currículos escolares.

Figura 6 - Abordagem do tema na instituição de ensino a qual o participante atua como docente



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *google forms*. (Abril/Maio 2020)

## 5.5 O QUE DIZ A BNCC SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL

Outro questionamento que o questionário apresenta para os professores participantes, diz respeito a nova Base Nacional Comum Curricular, lançada no ano de 2017, sendo de caráter obrigatório em todo o território nacional no ano de 2020. A Base aborda diversas áreas e temáticas denominadas por temas contemporâneos, ou seja, temas da atualidade que precisam perpassar a docência e os espaços escolares, no entanto, ela tira o tema de Orientação Sexual trazido no ano de 1997 nos Parâmetros Curriculares Nacionais, por esse motivo o grupo de professores participantes foram problematizados quanto a essa alteração.

A pergunta nove em seu enunciado informa o leitor sobre essa mudança no documento normativo da educação que no momento é o mais abrangente e utilizado em todo o território nacional. Nesse sentido, a pergunta é apresentada da seguinte maneira:

A nova Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) aborda o tema especificamente apenas no 8º ano dos anos finais do Ensino Fundamental, na disciplina de Ciências, na temática Vida e Evolução. Levando em consideração que o tema dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), faz parte do conjunto destinado aos temas transversais, ou seja, assuntos que ultrapassam o espaço escolar como saúde, alimentação, entre outros. Como você define essa alteração curricular nacional?

A maioria dos professores participantes da pesquisa, acreditam que essa alteração do tema na Base Nacional Comum Curricular é ruim, em suas palavras os professores classificam-na como um fato lamentável e um retrocesso social e cultural. Nesse sentido, será exposto algumas falas de alguns professores referente a problematização.

“Eu acredito que essa perda seja significativa e que acarretará danos futuros para os nossos estudantes, mas sabemos que o professor, neste momento deve trazer esse assunto como um tema transversal ou em forma de projetos, para que este conteúdo não seja descartado, principalmente para os estudantes maiores.” - Professor Dez, 06/05/2020.

“Inconveniente, pois trata o assunto de maneira indutora aos sujeitos.” - Professor Nove, 06/05/2020.

“Discordo. A escola não deve influenciar na orientação sexual de nenhum estudante, mas garantir o conhecimento sobre o assunto e respeitar as diferenças.” - Professor Dezesete, 12/05/2020.

“É um tema que não deve restringir-se à apenas um conteúdo de um ano/série. É assunto pertinente principalmente para público a partir dos 10 anos.” - Professor Vinte e Dois, 12/05/2020.

Em consonância com as falas citadas pelos professores participantes do questionário, o autor Silva, declara que:

Não se pode dizer que o currículo oficial tenha incorporado sequer parte dos importantes *insights* da pedagogia feminista e dos estudos de gênero. Nenhuma perspectiva que se pretenda “crítica” ou pós-crítica pode, entretanto, ignorar as estreitas conexões entre o conhecimento, identidade de gênero e poder teorizadas por essas análises. O currículo é, entre outras coisas: um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero. Uma perspectiva crítica de currículo que deixasse de examinar essa dimensão do currículo constituiria uma perspectiva bastante parcial e limitada desse artefato que é o currículo. (SILVA, p.96, 2004)

Pode-se concluir, que essa mudança curricular trazida na Base Nacional Comum Curricular (2017) é parcial e limitada ao que diz respeito à abordagem do tema sobre Orientação Escolar como um dos temas contemporâneos<sup>3</sup>. Em contrapartida, um menor número de professores considera a mudança como positiva, utilizando expressões como ótima e interessante, demonstrando que o professor coincide com o ofertado na BNCC.

Ainda em relação a Base Nacional Comum Curricular, a pergunta de número 10 que será analisada nesta sessão de estudos por tratar sobre o mesmo eixo, a BNCC. Pretende investigar o posicionamento docente do professor em relação ao documento citado anteriormente. Os participantes responderam a seguinte pergunta: “Conforme descrito no enunciado da pergunta anterior, a nova BNCC retirou de forma explícita a temática Orientação Sexual dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como docente, você irá: (As opções são objetivas e pretendem verificar a relação do professor com o tema sobre Gênero e Sexualidade, são elas:”

a) continuar abordando o assunto em sala de aula, ainda nos anos iniciais;

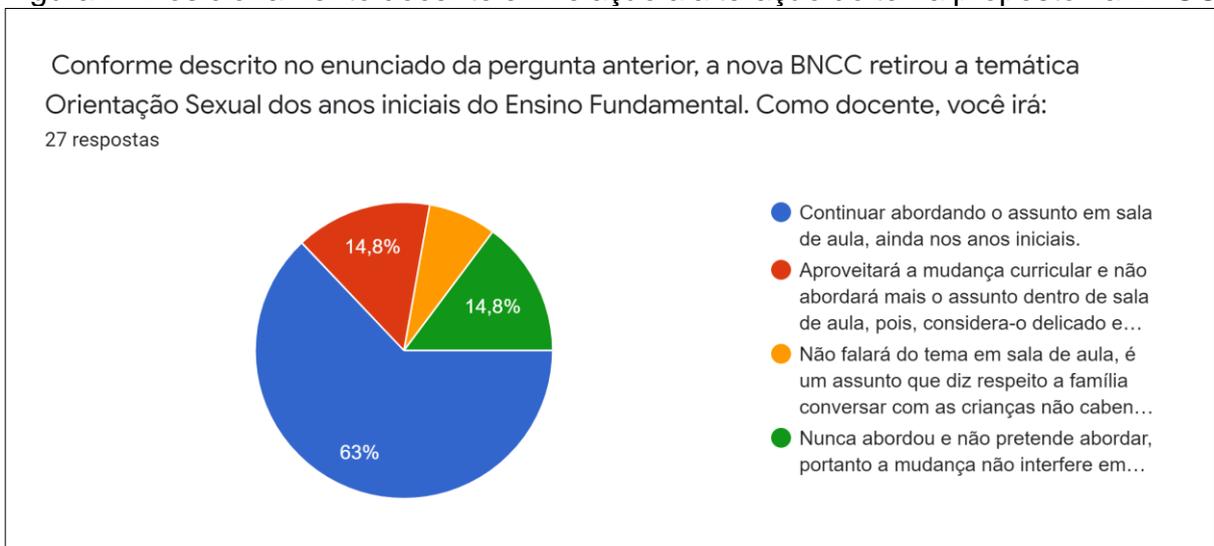
---

<sup>3</sup> Nomenclatura utilizada na BNCC para abordar temas considerados essenciais que perpetuam as disciplinas tradicionais do currículo escolar.

- b) aproveitará a mudança curricular e não abordará mais o assunto dentro de sala de aula, pois, considera-o delicado e de difícil acesso para ser conversado com crianças;
- c) não falará do tema em sala de aula, é um assunto que diz respeito a família conversar com as crianças não cabendo ao papel do professor;
- d) nunca abordou e não pretende abordar, portanto a mudança não interfere em sua prática pedagógica.

Assim como ocorreu com a pergunta 6 e 7, as perguntas 9 e 10 possuem as mesmas características, ambas pretendem verificar possíveis divergências em relação aos posicionamentos do mesmo tema em diferente situação. Nesse modo, é possível constatar pelo gráfico a seguir:

Figura 7 - Posicionamento docente em relação a alteração do tema proposto na BNCC



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *google forms*. (Abril/Maio 2020)

A maioria dos professores continuarão abordando questões sobre a orientação sexual, no espaço escolar ainda nos anos iniciais do ensino fundamental, mesmo que a BNCC tenha deixado o espaço específico para o tratamento do mesmo apenas no 8º ano na disciplina de ciências. A porcentagem de 37% divide-se em duas parcelas iguais de profissionais da educação que irão aproveitar a mudança curricular para não abordar o assunto em sala de aula por o considerarem um tema delicado. Enquanto a outra metade se sente indiferente a modificação da normativa, pois em todos os anos de docência nunca abordou o assunto em aula. Enquanto isso, apenas um professor declarou não abordar o assunto por acreditar que caiba a família a

realização do mesmo. Essa parcela de 37% dos participantes, vão contra ao que Freire escreveu no seu último livro em vida, *Pedagogia da Autonomia* (1996, p.37), onde declara que ensinar exige comprometimento, destaca-se a seguinte a fala do autor pertinente a menor porcentagem de professores participantes:

Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma *omissão* mas um sujeito de *opções*. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho. (FREIRE, p.37, 1996)

Todavia, é perceptível que a maioria dos professores independente de suas crenças pessoais, sejam elas de ordens religiosas, sociais, culturais, biológicas e psicológicas, não mudarão o tratamento do tema e continuarão a realizar as suas abordagens em seus espaços escolares da maneira como sempre o fizeram, positivamente, um maior número irá colocar o assunto em pauta em suas aulas.

## 5.6 FORMAÇÃO ACADÊMICA X ORIENTAÇÃO SEXUAL

A última pergunta dos questionários diz respeito a ligação do tema na formação acadêmica enquanto docente, nesse sentido os professores foram questionados a partir da seguinte pergunta: Em relação a sua formação acadêmica, você considera que a graduação e/ou outras modalidades de ensino, tenham dado suporte teórico e prático para a abordagem sobre Orientação Sexual na Escola? A maioria dos docentes responderam que não tiveram pouco ou nenhum suporte teórico em relação ao tema enquanto preparavam-se academicamente. Há relatos de professores no qual tiveram o suporte apenas em uma disciplina como ciências da educação ou em palestras ofertadas na universidade. No entanto, apresenta-se de forma quase unânime o pensamento que o assunto deveria ser mais abordado nas disciplinas de formação de professores. Diante disso, ao verificar o que apresenta o Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do sul, pode-se perceber o posicionamento do curso diante de questões de diversidade na citação a seguir:

A diversidade, entendida como resultado de diferentes abordagens teórico-práticas dos problemas, fruto das diferentes visões de mundo,

posicionamentos ideológicos, paradigmas científicos e contextos étnico-culturais. Tendo presentes essas perspectivas, o conhecimento será trabalhado no Curso de forma a superar os desafios de recriar a presença, mesmo na distância; recriar a interação, indo além da interatividade, e de recriar a relação humana, produzindo cooperação. Dessa forma, nos desafia a repensar as relações construídas, os saberes profissionais e as ações desenvolvidas nos diversos espaços de formação e atuação docente. Encaminhando-nos assim, para a construção de saberes e competências inerentes aos novos espaços e tempos da educação, entrelaçando os novos modos de ver e fazer educação, vinculada aos princípios pedagógicos, científicos e tecnológicos. (UCS, p.13, 2011.)

Nesse sentido, é possível constatar que o curso apresenta em seu Projeto Político Pedagógico a importância do profissional docente frente à diversidade e questões de gênero e sexuais adentram as questões de diversidades sociais da sociedade contemporânea. Destaca-se ainda o perfil esperado do egresso do curso de Pedagogia, o seguinte elemento “Participação na implementação de projetos educativos que contemplem a diversidade e as inter-relações comunidade-escola-família, nas distintas esferas do social: cultural, ética, estética, científica e tecnológica” (UCS, p.14, 2011). Portanto, de acordo com o PPP do curso de Pedagogia, a Universidade de Caxias do Sul, preocupa-se que o docente egresso da instituição tenha posicionamento interventivo em situações que perpetuam o espaço escolar.

Havendo a preocupação em responder o problema inicial da pesquisa, pode-se concluir que no grupo de professores e escolas no qual a ferramenta de pesquisa foi aplicada, os professores na maioria concordam que o assunto enfatizado nos temas transversais é de suma importância para ser abordado nos espaços escolares. Tendo em vista, ser um tema que está presente na vida de todos os sujeitos desde o nascimento até a morte, passando por diferentes estágios e momentos. Nesse sentido, a sexualidade é algo que não pode ser tirado do sujeito, não existe a possibilidade de os alunos irem para a escola e suas sexualidades fiquem adormecidas, esperando que cheguem em casa para que possam expressar-se.

O tema abordado na referida pesquisa é complexo e amplo, pois abrange diferentes contextos, pensamentos, posicionamentos e questões de aspectos culturais, sociais, religiosos e biológicos. No entanto, faz-se necessário compreender a onda de conservadorismo que está assolando a sociedade brasileira, assim como em outros lugares do mundo. Contudo, no Brasil especificamente desde 2014 com a projeto Escola sem Partido apresentado e defendido por alguns parlamentares para que os professores sejam proibidos de mencionar questões de política, gênero e

educação sexual, os dois últimos assuntos referem-se ao tema abordado na realização da presente pesquisa.

Levando em consideração que no Brasil, a cada 1 hora 3 crianças são abusadas, sendo mais recorrente com meninas e que a maioria dos abusos acontecem na residência a qual a criança convive, realizada na maioria dos casos pelo pai, padrasto, amigo da família, parente próximo. (Dados obtidos no Ministério Público do Paraná, 2020). Portanto, é necessário que a escola e os professores propiciem momentos de diálogos em relação a assuntos ligados ao gênero e a sexualidade, pois mesmo que para os conservadores isso deva ser tarefa dos pais, existem muitas crianças que o abusador convive no mesmo ambiente que ela, nesse sentido é importante compreender que a escola passa a ser um refúgio seguro para essa criança ou adolescente buscar ajuda.

Por fim, é necessário levar em consideração todos os dados apresentados no presente projeto de pesquisa, para enfatizar que a escola possui um papel muito importante na vida de cada criança, pois muitas vezes quem faz o encaminhamento ao conselho tutelar é a instituição de ensino. Foi destacado nesse momento a questão do abuso sexual, pois é um dos assuntos mais sérios em relação a Educação Sexual nas escolas, no entanto, diversas questões possuem relevância como, informações de métodos contraceptivos, métodos preventivos a Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), gravidez precoce, igualdade de gêneros, entre outros, conforme apresentados no decorrer do projeto de pesquisa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos resultados apurados na realização da presente pesquisa: Diálogos sobre Gênero e Sexualidade nos espaços escolares dos anos Iniciais do Ensino Fundamental, de natureza exploratória, sendo pré requisito para a obtenção do título de licenciada no curso de Licenciatura de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul.

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa, constatou-se que havia uma inquietação referente a defasagem aos debates sobre o tema Gênero e Sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental muitas vezes acarretado devido ao tabu atribuído a temática, levando a uma dificuldade na abordagem por parte dos professores nos espaços escolares. Diante disso, foi necessário buscar suporte teórico que contribuísse a compreensão do assunto bem como aos aspectos envolvidos como políticas públicas, historicidade e conceitos atribuídos ao tema, tendo como preocupação evidenciar respostas que pudessem evidenciar o problema inicial da pesquisa quando a mesma ainda estava no processo de planejamento.

A partir disso, foi analisado os posicionamentos de professores no que se tratava a orientação sexual no âmbito da educação dos anos iniciais do ensino fundamental. Para tal, colheu-se depoimentos de professores e professoras das redes de ensino pública e privada da cidade de Caxias do Sul, questionando-os sobre a importância da orientação sexual na docência. A coleta foi realizada com sucesso, pois através dela pode-se verificar depoimentos de 27 através do questionário desenvolvido pela ferramenta do *google forms*, com isso, foi possível perceber como o assunto referente a sexualidade está inserido na prática docente da região.

No início do trabalho foram apresentados objetivos que conduziram os estudos e nesse sentido gostaria de apresentar algumas reflexões sobre a trajetória construída. No que diz respeito aos estudos realizado sobre as políticas educacionais, verificou-se como os documentos educacionais abordam a Orientação sexual no âmbito do ensino fundamental, atribuindo-se enfoque maior a presença da Educação Sexual nos anos iniciais.

Ainda sobre políticas educacionais, foi investigado a importância da Orientação Sexual em relação ao currículo escolar, onde o mesmo foi apresentado na revisão teórica a partir da verificação dos avanços históricos sobre as pedagogias feministas e de gênero abordado por autores como, Guacira Lopes Louro e Tomaz Tadeu da

Silva. Ademais, foi analisado durante o processo de pesquisa, a importância do tema na percepção dos professores participantes, o qual foi explicitado na análise de resultados através da apresentação dos dados obtidos na coleta realizada a partir do questionário. A partir disso, pode-se verificar que a maioria dos professores acreditam que é importante abordar o tema na escola e em seus espaços, no entanto parte dos professores demonstraram contradição em certos momentos, onde alguns professores inicialmente responderam positivamente sobre a importância do assunto, mas quando questionados sobre a presença do ensino da sexualidade e do gênero em suas práticas pedagógicas, responderam que não abordam ou não pretendem abordar a temática em suas aulas.

Diante do exposto ao decorrer do processo do trabalho de pesquisa, pode-se constatar que a visão dos professores referente ao tema de sexualidade e gênero é dividida. Para alguns o tema é difícil e exige cuidado na sua abordagem, para outros é um tema importante e deve ser discutido e debatido nos espaços escolares. O fato de o tema não ter um consenso entre os professores se dá a complexidade atribuída ao mesmo, pois conforme abordado durante a pesquisa, a sexualidade está inserida em diversas áreas do conhecimento, com diferentes narrativas.

Conforme dito anteriormente, a maioria dos professores declararam acreditar na importância e relevância do assunto nos espaços escolares ainda nos anos iniciais do ensino fundamental, há professores inclusive que acreditam que a temática deva ser inserida aos alunos ainda na Educação Infantil para que desde o começo do desenvolvimento da construção da identidade os alunos já tenham contato com questões corporais, estéticas, sociais e culturais, além de conhecerem seus direitos e limites.

Nesse sentido, pode-se concluir que grande parte dos professores participantes, abordam questões relacionadas ao gênero e a sexualidade quando as mesmas fazem-se presentes nos espaços escolares, utilizam a abertura que os temas transversais possibilitam em relação a Orientação Sexual, para incorporá-la junto ao currículo em suas práticas docentes. No entanto, não foi possível perceber se a situação social, econômica e cultural a qual a escola está inserida, modifica o tratamento do tema, bem como a sua abordagem, pois professores de mesmas redes de ensino, divergiram-se nas respostas.

## APÊNDICE - QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES DAS REDES MUNICIPAIS, ESTADUAIS E PARTICULARES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DENTRO DO CURRÍCULO ESCOLAR.

Prezado professor!

Me chamo Luana Shaiane Lopes Varela, sou acadêmica do Curso de Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul, estou realizando o meu trabalho de conclusão de curso sob orientação da professora Me. Flávia Fernanda Costa (ffcosta@ucs.br), sobre o assunto: “**Diálogos sobre gênero e sexualidade nos espaços escolares dos anos iniciais do ensino fundamental**”, com o objetivo de verificar qual a importância da Orientação Sexual dentro do currículo escolar na prática docente.

Por esse motivo, gostaria de pedir a sua colaboração para responder esse questionário. Seguirei as normas éticas da UCS e preservarei qualquer informação que possa identificar sua escola ou sua identidade pessoal. Agradeço a sua colaboração nesta importante tarefa acadêmica de formação inicial para professores.

1) Sexo:

- a.  Feminino
- b.  Masculino
- c.  Outro

2) Qual a sua formação?

- a.  Curso Normal (magistério)
- b.  Graduação em Pedagogia
- c.  Graduação em Licenciaturas afins

3). Quantos anos de experiência docente você possui?

- a.  Menos de 5 anos.
- b.  De 5 a 10 anos.
- c.  De 10 a 15 anos.

- d.  De 15 a 20 anos.
  - e.  Mais de 20 anos.
- 4) Em qual região da cidade sua escola de atuação está localizada?
- a.  Região Central
  - b.  Região Nobre.
  - c.  Região Periférica.
  - d.  Região Rural.
- 5) A instituição de Ensino a qual você trabalha é de Direito:
- a.  Público administrada pelo Município.
  - b.  Público administrada pelo Estado.
  - c.  Privado.
  - d.  Comunitário
- 6) Em suas práticas docentes dentro dos anos iniciais (1° a 5° ano), há algum espaço destinado para a abordagem da Orientação Sexual em sala de aula ou espaço escolar?
- a.  Sim
  - b.  Não
- Explique (Obrigatório)
- 7) Como professor(a), você acredita na importância e relevância do tema transversal Orientação Sexual em sala de aula?
- Justifique (Obrigatório)
- 8) De que forma a Instituição de Ensino a qual você trabalha aborda a temática?
- a.  Como um assunto importante e necessário para a constituição dos sujeitos, visto que a sexualidade é parte inerente do ser humano desde o nascimento até a morte.
  - b.  Acredita ser um tema delicado, pois carrega consigo muitos tabus e crenças de ordem familiar, religiosa, etc.

- c. ( ) Um assunto irrelevante ao conteúdo escolar, pois não agrega nenhum conhecimento específico.
- d. ( ) Trata o assunto como um tema proibido de ser debatido em público.

Explique (Opcional)

9) A nova Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) aborda especificamente o tema apenas no 8º ano dos anos finais do Ensino Fundamental, na disciplina de Ciências, na temática Vida e Evolução. Levando em consideração que o tema dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), faz parte do conjunto destinado aos temas transversais, ou seja, assuntos que ultrapassam o espaço escolar como saúde, alimentação, entre outros. Como você define essa alteração curricular nacional?

Explique e Justifique (Obrigatório)

10) Conforme descrito no enunciado da pergunta anterior, a nova BNCC retirou a temática Orientação Sexual dos temas contemporâneos nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como docente, você irá:

- a. ( ) Continuar abordando o assunto em sala de aula, ainda nos anos iniciais.
- b. ( ) Aproveitará a mudança curricular e não abordará mais o assunto dentro de sala de aula, pois, considera-o delicado e de difícil acesso para ser conversado com crianças.
- c. ( ) Não falará do tema em sala de aula, é um assunto que diz respeito a família conversar com as crianças não cabendo ao papel do professor.
- a. ( ) Nunca abordou e não pretende abordar, portanto a mudança não interfere em sua prática pedagógica.

Explique (opcional)

11) Em relação a sua formação educacional, você considera que a graduação e/ou outras modalidades de ensino, tenham dado suporte teórico e prático para a abordagem sobre Orientação Sexual na Escola?

- a. ( ) Sim.
- b. ( ) Não.

Justifique:

## REFERÊNCIAS

BEHRENS, A. Marilda. **Formação continuada dos Professores e a Prática Pedagógica**. Ed. Universidade Champagnat, Curitiba, 1996.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Governo Federal, 2017. 600 p. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_sit e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf). Acesso em: 20 mar. 2020.

BRASÍLIA. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. 1997. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2020.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2002. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na Sala de Aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <http://home.ufam.edu.br/salomao/Tecnicas%20de%20Pesquisa%20em%20Economi a/Textos%20de%20apoio/GIL,%20Antonio%20Carlos%20-%20Como%20elaborar%20projetos%20de%20pesquisa.pdf>. Acesso em: 5 maio 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas: 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 18 de maio 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Educação, Gênero e Sexualidade: Uma perspectiva pós estruturalista**. 6. ed. São Paulo: Editora Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PARANÁ. MINISTÉRIO PÚBLICO DO PARANÁ. ESTATÍSTICAS. **Três crianças ou adolescentes são abusadas sexualmente no Brasil a cada hora**. 2020. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/2020/03/231/ESTATISTICAS-Tres-criancas-ou-adolescentes-sao-abusadas-sexualmente-no-Brasil-a-cada-hora.html>. Acesso em: 06 jun. 2020.

PAULO SALDAÑA (São Paulo). **Maioria no país defende educação sexual e discussão sobre política nas escolas**. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/maioria-no-pais-defende-educacao-sexual-e-discussao-sobre-politica-nas-escolas.shtml>. Acesso em: 06 jun. 2020.  
Freire, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo. Paz e terra - edição 25. 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (Rio Grande do Sul). **Métodos de Pesquisa**. 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.